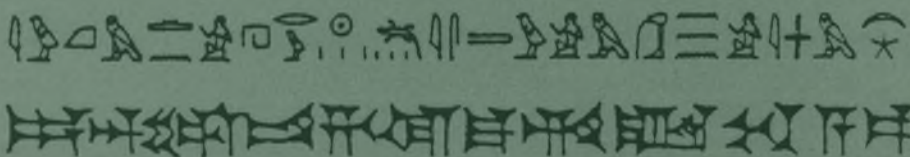


CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

15



PRODÍGIOS E PRESSÁGIOS COMO MARCAS DA SOBRENATURALIDADE DE UM HERÓI PREDESTINADO: O CASO DE ALEXANDRE MAGNO

Por JOSÉ DAS CANDEIAS SALES

Professor da Universidade Aberta

«La vie d'Alexandre, telle qu'on peut la trouver dans bien des livres et des récits qu'on raconte, fut, dès sa naissance même, liée à des prodiges qui venaient révéler à ceux qui étaient sages qu'un très puissant seigneur était venu au monde»

Le roman d'Alexandre, I, Prologue, 3

Na sua *Vida de Alexandre*, Plutarco tenta sintetizar «os aspectos mais relevantes»⁽¹⁾ da vida de Alexandre Magno, com o objectivo de descrever «os sinais caracterizadores»⁽²⁾ da sua personalidade. É sintomático que para apreender e apontar esses «sinais caracterizadores» Plutarco se centre num conjunto de elementos que parece ter orientado a personalidade de Alexandre desde a infância até ao final da sua vida⁽³⁾. Aliás, o mesmo fazem outros biógrafos de Alexandre.

O discurso plutarquiano é particularmente marcado por esta concepção de *deisidaimonia*, «superstição»⁽⁴⁾, assumindo particular destaque as referências aos prodígios e presságios – presságio é um facto natural ao qual o deus providencial ou o seu *démon* confere um sentido premonitório – que acompanham a infância, a adolescência e a idade adulta de Alexandre e que funcionam como signos indeléveis, pré-inscritos *ab origine*, da sua personalidade sobrenatural, providencial, predestinada a grandes feitos.

Sobre os biógrafos de Alexandre, há que destacar os coevos, como Ptolomeu (o futuro senhor do Egípto e fundador da dinastia Lágida, cuja história das campanhas de Alexandre, de que foi testemunha presencial e, nalguns casos, protagonista, foi composta já em idade avançada, quando já era rei do Egípto), Calístenes de Olinto (370-327 a. C.; sobrinho – sem se saber, porém, em que grau – de Aristóteles, tutor de Alexandre na meninice e cronista oficial das expedições de Alexandre, até ao momento em que se incompatibilizaram), Nearco (comandante da frota de Alexandre no Índico, que escreveu um *Périplo*, em 312 a. C., mais tarde aproveitado por Arriano, Quinto Cúrcio e Estrabão), Anaximenes, Onesícrito, Policleta, Marsyas e Aristóbulo, todos, portanto, companheiros de Alexandre.

As *Efemérides Reais*, diário da campanha, sob a supervisão de Eumenes de Cardia e Diódoto de Eritras, foram também compostos por protagonistas da própria expedição. Também do séc. IV a. C., o historiador grego Clitarco escreveu um relato, *Sobre Alexandre (Peri Alexandrou)*, concluído em Alexandria, sob o reinado de Ptolomeu I Sóter (no qual se viriam a inspirar Diodoro e Quinto Cúrcio). No séc. I a. C., Cícero, no *De Diuinatione*, em que trata a adivinhação como uma impostura, inclui também algumas passagens sobre Alexandre Magno.

Do séc. I da nossa era são de enumerar Quinto Cúrcio Rufo (*Historiae Alexandri Magni Macedonis*) e Diodoro da Sicília (*Bibliotheké*); dos séculos I-II, Plutarco (46-120 d. C.; *Vida de Alexandre e Sobre a fortuna de Alexandre*) e Flávio Arriano Xenofonte (95-175 d. C.; *Anabasis de Alexandre*). O primeiro escreveu em latim, enquanto os outros redigem as suas obras em grego. Tito Lívio (*De Alexandris Magni fortuna aut virtute or. I et II*) e, no séc. III d. C., um certo Justino e o Pseudo-Calístenes (*Vida de Alexandre*) redigiram também obras em que integram episódios relativos a Alexandre Magno. Para muitos autores, Arriano é o melhor biógrafo de Alexandre Magno, mas também a *História de Alexandre*, de Ptolomeu, utilizada especialmente por Clitarco e Arriano, merece especial destaque.

Não obstante a consulta de fontes coevas dos acontecimentos (documentos da chancelaria real ou relatos de companheiros do rei), tais narrações cedem frequentemente lugar de destaque à mitologia criada ao redor da singularidade da figura do grande conquistador⁽⁵⁾.

Servindo-nos das fontes disponíveis (sobretudo Plutarco, Arriano e Quinto Cúrcio), analisemos esses elementos literário-míticos, particularmente as múltiplas referências a prodígios e presságios (favoráveis e desfavoráveis) sob o prisma da sua eventual e efectiva influência na conduta de Alexandre e na condução das suas políticas.

I. As suas (pretensas) origens divinas

Alexandre era filho de Filipe II (383-336 a. C.), rei da Macedónia por usurpação, e brilhante governador e estratega⁽⁶⁾, e de Olímpíade (vulgo Olímpia), princesa do Epiro, filha do rei molossiano Neoptólemo⁽⁷⁾. Como diz Plutarco, «pelo lado paterno (...) era um Heraclida (...) e descendia de Éaco (...) pelo lado materno»⁽⁸⁾.

A ascendência genealógica que a lenda estabeleceu para Alexandre dá-o como descendente de Zeus por dupla via: por via paterna, é descendente de Hércules (filho de Zeus e de Alcmena) e, por via materna, é descendente de Éaco (filho de Zeus e de Egina)⁽⁹⁾. Dito de outra forma, além de descender de Hércules e Aquiles, dois seres de excepção do mundo mitológico grego, Alexandre era ainda «filho» de Zeus, o deus supremo dos Gregos, pai dos deuses e rei dos homens, senhor da Terra e do Olimpo.

Esta divina e heróica ascendência conferia-lhe, desde logo, uma aura de sobrenaturalidade que Alexandre terá assimilado, sobretudo por instigação de Olímpíade: «il sent bouilloner en lui le sang des héros, ses ancêtres»⁽¹⁰⁾. Hércules e Aquiles foram, com efeito, no plano prático, dois modelos para Alexandre, ele próprio um «filho de deus»⁽¹¹⁾. Como Hércules, tinha um pai humano oficial e um pai divino, o verdadeiro. Como novo Aquiles estavam-lhe reservadas importantes proezas militares. Nos relatos lendários dos seus biógrafos, pelas suas (pretensas) origens divinas, Alexandre encarna todas as qualidades e defeitos de um herói épico; é um herói épico.

II. Os sonhos de sua mãe e de seu pai

Segundo a descrição de Plutarco, na noite anterior às bodas de Filipe e Olímpíade, esta teve um sonho em que «após um trovão, um raio lhe caíra sobre o ventre, provocando um fogo intenso, cujas chamas se dispersaram em redor, até que se extinguiram»⁽¹²⁾. Filipe, por sua vez, algum tempo depois de casado, sonhou que «marcava o ventre de sua mulher com um selo, cujo relevo (...) era a figura de um leão»⁽¹³⁾.

Na interpretação dos adivinhos convocados para se expressarem sobre tão enigmáticos sonhos, tais visões tinham um significado simples e preciso: a rainha estava grávida e o fruto do seu ventre seria «tão corajoso e arrojado como um leão»⁽¹⁴⁾.

É o sinal da predestinação desde o ventre materno que qualquer herói que se preze, para mais descendente de tão ilustre estirpe,